

MODA, ARTE E EMERGÊNCIA ESTÉTICA: AS PRODUÇÕES DE ESTILERAS E FUDIDA SILK

FAÉ, Madh;
Graduande; Centro Universitário FIAM-FAAM,
12madhf@gmail.com¹

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido a partir de pesquisa de iniciação científica realizada no ano de 2020 no curso de graduação em Moda da FMU/FIAM-FAAM, com orientação da Profa. Ma. Natalia Rosa Epaminondas². Explora o tema da criação de moda por pessoas TLGB+³. Tem como objetivo investigar um movimento estético emergente no estado de São Paulo. Apesar de observar essa manifestação também em outras áreas, como nas artes visuais, no pixo, na tatuagem, na cena *ballroom* e no audiovisual, este artigo se debruça sobre sua manifestação na moda, focando nos trabalhos dos coletivos Estileras e Fudida Silk. Retratamos suas motivações, processos, ideologias, relações com a indústria e questões sociopolíticas. Este trabalho se trata de uma pesquisa exploratória partindo da revisão de literatura para contextualização a partir das abordagens de Jota Mombaça (2015), Viviane Vergueiro (2018), Jaqueline Gomes de Jesus (2012) e Berenice Bento (2014) acerca de gênero, passando por um questionamento proposto por Agrippina R. Manhattan (2017) sobre mito da genialidade na indústria da arte em relação a pessoas transvestigêneres⁴. Para examinar os coletivos Estileras e Fudida Silk foram analisadas entrevistas concedidas por Boni & Brendy (criadoras do coletivo Estileras) para veículos midiáticos como Dazed (2018) e FFW (2018) e entrevista concedida pelo coletivo Fudida Silk à Plataforma Gente (2020). A partir dessas reflexões, identificamos que esses coletivos têm em comum a desconstrução de normas ligadas às vestes, sejam elas as de gênero, as de funções predefinidas, da lógica

¹ Graduande do curso de Moda, artista drag, pesquisadore dos estudos de gênero e sexualidade e sua interseção com moda e arte.

² Doutoranda em Artes, Cultura e Linguagens pela UFJF, mestra em Design pela UAM, bacharela em Design de moda pelo Senac, pós-graduada em Moda e Criação pela FASM. Coordena a Coletiva de Estudos Às Avestas: moda, gênero, sexualidade e decolonialidades.

³ Neste trabalho, usamos a sigla com T em evidência para destacar a necessidade de visibilidade da comunidade transvestigênera, a qual sempre foi precursora e linha de frente do movimento.

⁴ A palavra transvestigênera foi cunhada por Indianarae Siqueira (2015), como um termo guarda-chuva para todas as pessoas que fogem da norma cisgênero, unindo as palavras transexual, travesti e transgênera, em linguagem neutra para melhor abarcar, também, pessoas não-binárias (SIQUEIRA, 2015)



mercadológica de padronagem de tamanhos ou de inspirações colonizadas. As produções desses coletivos são resultado da grande vulnerabilidade social e violência sofrida pela comunidade TLGB+, além da crescente de governos ultraconservadores. Isso evidencia a necessidade de inclusão e atenção para os potenciais criativos de pessoas dissidentes, tal como a importância da moda como forma de expressão e comunicação. Este trabalho implica no desenvolvimento de material acadêmico em volta das criações de pessoas transvestigêneres na moda, buscando um caminho para a equiparação da discussão e reconhecimento das produções de pessoas dessa comunidade.

Palavras-chave: moda; TLGB+; movimento estético.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Brasil: o país do transfeminicídio. **Revista Fórum**, 2014. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/brasil-o-pais-transfeminicidio/>. Acesso em: 05 de out. de 2020.

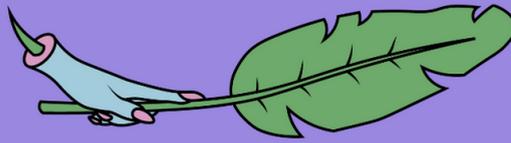
BONI. Quem são, o que fazem e em que acreditam as mentes por trás da Estileras. Entrevista concedida a Camila Yahn. **FFW**, 17 de dez. de 2018. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/noticias/comportamento/rebeldes-com-causa-as-estileras-e-a-d-esconstrucao-da-moda/>. Acesso em: 25 de set. de 2020.

BONI E BRENDY. Portifólio. **Estileras**, 2020. Disponível em: <https://www.estileras.com.br/>. Acesso em: 25 de set. de 2020.

BONI E BRENDY. The anarchic Brazilian label sticking a middle finger up at the status quo. Entrevista concedida a Dominic Cadogan. **Dazed**, 6 de nov. de 2018. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/fashion/article/42097/1/brazil-sao-paulo-estileras-underground-label-ss19>. Acesso em: 25 de set. de 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadesesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 05 de out. de 2020.

MANHATTAN, Agrippina R. **Porque não houve grandes artistas travestis?** Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. Disponível em: https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2017/11/desvio_3_artigo_agrippina1.pdf. Acesso em: 12 de out. de 2020.



MOMBAÇA, Jota. "Pode um cu mestiço falar?". *Médium*, 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: Abr. 2021.

PLATAFORMA GENTE. **Os processos criativos e de resistência do coletivo Fudida Silk | Sobre Vivência | Ep 2.** 2020. (06m44s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xsRkFsKtEs&feature=emb_title&ab_channel=PlataformaGente. Acesso em: 03 de out. de 2020.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Salvador: UFBA, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf?fbclid=IwAR0SivP_0J1uhZftr-udseW_hVIdJ3BcReKUbc-8Va5iXa9QFNXr0YEJylo. Acesso em: 05 de out. de 2020.